

20 anos Associação Cultural de Cascais

Dos Patrimónios de Cascais

Homenagem a João Cabral

Actas das comemorações dos 20 anos
da Associação Cultural de Cascais



CASCAIS
2019

20 Anos
da Associação Cultural de Cascais

DOS PATRIMÓNIOS DE CASCAIS

Homenagem a João Cabral

Actas das comemorações dos 20 anos
da Associação Cultural de Cascais

CASCAIS

2019

FICHA TÉCNICA

Título: Dos Patrimónios de Cascais

Coordenação: José d'Encarnação

Editor: Associação Cultural de Cascais

Autores: Bela Garcia | Eurico de Sepúlveda | Guilherme Cardoso | João Luís Cardoso | João Monjardino | Joaquim Boiça | José d'Encarnação | Lara Pinto | Lurdes Trindade Nieuwendam | Margarida Ramalho | Maria Amélia Cabrita | Nathalie Antunes-Ferreira | Salvato Teles de Menezes | Severino Rodrigues | Teresa Marat-Mendes | Vera Cardoso | Virgolino Ferreira Jorge

Design gráfico: João Miguel Freitas

Impressão: Graficamares, Lda

Tiragem: 500 exemplares

Depósito Legal: 457871/19

ISBN: 978-972-9406-52-2

Cascais, 2019

ÍNDICE

Apresentação	7
Guilherme Cardoso e José d'Encarnação	
Evocação da vida e obra de João Cabral	13
José d'Encarnação	
Cerimónia de entrega da Medalha de Mérito de Serviços Distintos	15
Património vegetal de Cascais	17
João Monjardino	
Iniciativas editoriais	25
José d'Encarnação	
Maria Micaela Soares, <i>Salóis de Cascais: Etnografia e Linguagem</i>	35
Virgolino Ferreira Jorge	
Maravilhoso Cascais	39
Vera Cardoso	
Enterramentos tardo-romanos de crianças em Freiria	43
Nathalie Antunes-Ferreira, Guilherme Cardoso e José d'Encarnação	
Para a história das investigações pré-históricas em Cascais:	
um breve ensaio, lembrando João Cabral	51
João Luís Cardoso	
Investigação sobre Proto-história de Cascais	87
Guilherme Cardoso, José d'Encarnação e Lurdes Trindade Nieuwendam	
Investigação sobre o período romano em Cascais	91
José d'Encarnação e Guilherme Cardoso	
Cerâmica Focense Tardia (LRCW) no Concelho de Cascais	101
Eurico de Sepúlveda	
Acompanhamentos arqueológicos de Cascais	129
Lara Pinto	
Caparide, um sítio medieval por excelência	133
Severino Rodrigues	
Trabalhos arqueológicos realizados pela ACC	155
A Fortaleza de N^a S^a da Luz – 500 anos de História e de histórias	161
Margarida Ramalho	
Cascais visto do interior:	
A identidade cultural saloia e os novos usos para o território	165
Maria Amélia Cabrita e Teresa Marat-Mendes	
Os Faróis da Guia – 5 Séculos de aventura a iluminar o mar.	
O farol pombalino do arquitecto Eugénio dos Santos	181
Joaquim M. F. Boiça	
«Dos Segredos de Cascais»	203
Salvato Teles de Menezes	
Para uma Arqueologia em imagens	209
Guilherme Cardoso e José d'Encarnação	

PARA A HISTÓRIA DAS INVESTIGAÇÕES PRÉ-HISTÓRICAS EM CASCAIS: UM BREVE ENSAIO, LEMBRANDO JOÃO CABRAL

*João Luís Cardoso*¹

No âmbito da Homenagem que a Associação Cultural de Cascais presta ao Dr. João Cabral, Amigo prematuramente falecido, foi considerada oportuna e útil a elaboração deste contributo destinado a caracterizar os aspectos mais relevantes da investigação pré-histórica realizada em Cascais, à qual o nosso Homenageado dispensou toda a sua dedicação e competência.

1 – Nos alvares dos estudos pré-históricos cascalenses

A História da Arqueologia Pré-Histórica no concelho de Cascais remonta ao tempo de Carlos Ribeiro e às pioneiras escavações que mandou realizar nas grutas do Poço Velho, dentro da área urbana da vila de Cascais, e na gruta de Porto Covo, na ribeira das Vinhas, as quais antecederam imediatamente a realização da célebre IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas realizado em Lisboa em Setembro de 1880. Na verdade, aquelas intervenções tiveram como principal finalidade, a par de outras que então se realizaram em muitas grutas da região estremenha, a recolha de materiais arqueológicos e antropológicos susceptíveis de serem observados pelos congressistas. A doença impediu Carlos Ribeiro de produzir a necessária monografia destes materiais, limitando-se as actas daquela célebre reunião científica a descrever a excursão efectuada a Cascais, incluindo a visita às grutas efectuada pelos congressistas, acompanhada pela planta das mesmas (COMPTE-RENDU, 1884), facilitada pelo facto de as mesmas se encontrarem dentro da área urbana da vila (Fig. 1).

Outra personalidade da Comissão dos Trabalhos Geológicos seguiu, a curto trecho, o caminho iniciado por Carlos Ribeiro. Francisco de Paula e Oliveira, em publicação póstuma infelizmente incompleta, debruçou-se sobre as manifestações arqueológicas de que teve conhecimento, embora a parte mais importante do seu trabalho respeite às necrópoles tardo-romanas e visigóticas por ele próprio exploradas (OLIVEIRA, 1889). Merece referência a primeira observação sobre a única das grutas artificiais de

¹ Professor Catedrático de Arqueologia e Pré-História da Universidade Aberta. Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Portuguesa da História. Presidente da Mesa da Assembleia-Geral da Associação Cultural de Cascais. Investigador associado do ICArEHB (Universidade do Algarve)

Alapraia então visível, que encontrou já completamente vazia, e que passou a ser designada por Gruta I, que passou a ser local de visita obrigatória (Fig. 2).

Ainda dentro deste primeiro ciclo de pesquisas se integra a descoberta fortuita de uma estação de ar livre do Neolítico Final e do Calcolítico, por Félix Alves Pereira, aquando da preparação do espaço adjacente às antigas termas do Estoril, por si frequentadas (PEREIRA, 1916 a, p. 210, 211). A notícia da descoberta desta estação pré-histórica, também publicada nas páginas do “Diário de Notícias” e, logo no volume do mesmo ano de “O Arqueólogo Português” (PEREIRA, 1916 b), foi descrita de forma colorida e sugestiva, algo displicente, tendo presente os leitores a que em primeira mão se destinava, não podendo ser lida numa perspectiva estritamente arqueológica, que foi a adoptada por Carlos Fabião (FABIÃO, 1987): “Foi assim que, no passado verão, quando eu esperava, em clara manhã de Agosto, a hora de abrir o balneário do Estoril e vagueava curioso pelos desaterros, que se estavam fazendo a pouca distância, comecei de ver pelo solo, ora uma lasca de sílex talhado, ora um caco de primitiva cerâmica e de pensar, conseqüentemente, que talvez uma boa estrêla me tivesse guiado os passos a algum local de origens preistóricas (...)”. Na verdade, como adiante esclarece, os artefactos recolhidos foram por ele logo classificados em duas épocas: a neolítica, a que pertencem os abundantes furadores, de vários tipos, que constituem um dos artefactos mais característicos desta estação, ulteriormente estudados por diversos investigadores (PAÇO & VAULTIER, 1943 a; GONÇALVES & SOUSA, 2010); e a calcolítica, representada por fragmentos de taças Palmela, das quais reproduziu um exemplar.

Com base na iconografia apresentada na publicação de 2010, e contrariamente à opinião dos seus autores, que apenas admitem a ocupação do sítio no Calcolítico, confirma-se a existência, como admitiu de forma pioneira Félix Alves Pereira, de pelo menos duas ocupações distintas, sendo a mais antiga neolítica, seguida de outra, ou outras, já no Calcolítico: o Neolítico Final encontra-se representado pelo menos por um fragmento dos característicos bordos denteados; e o Calcolítico Pleno/Final está documentado produções cerâmicas finas, como algumas taças em calote com decoração canelada (encontrando-se completamente ausentes os copos típicos do Calcolítico Inicial), a par de grandes recipientes de armazenamento com decorações coevas dos típicos padrões folha de acácia”, associados ou não a produções campaniformes incisas, como o fragmento apresentado por Félix Alves Pereira.

Os furadores, muito comuns e diversificados, poderão inscrever-se, à falta de indicações estratigráficas, tanto no Neolítico Final como no Calcolítico, conforme indicam os estudos tipológicos dos seus homólogos de Leceia (CARDOSO & MARTINS, 2013), o mesmo se verificando para as lâminas foliáceas elipsoidais, cuja emergência, no Neolítico Final foi claramente comprovada naquela estação, com base nos resultados apresentados no citado trabalho.

Em conclusão, a estação pré-histórica do Estoril teria conhecido uma primeira fase de ocupação no Neolítico Final e uma segunda fase, em que coexistiram (ou poderiam coexistir, dado se desconhecerem as condições estratigráficas das indústrias) produções cerâmicas tradicionalmente reportadas ao Calcolítico Pleno da Estremadura, conjuntamente com produções campaniformes incisas.

Com efeito, encontra-se hoje claramente demonstrado que, na Estremadura, as produções campaniformes foram coevas de produções locais, não campaniformes, pelo que deixou de fazer sentido as designações de Calcolítico Pleno e de Calcolítico Final, respectivamente aplicadas ao grupo “folha de acácia/crucífera”, e às produções campaniformes. Umas e outras podem ocorrer separada ou conjuntamente no intervalo de tempo que mais convenientemente se deverá designar por Calcolítico Pleno/Final, entre cerca de 2700 e 2200/2000 cal BC nas estações da região do estuário do Tejo (CARDOSO, 2014, 2014/2015, 2017), reservando-se a designação de Calcolítico Inicial, como até agora, para o período imediatamente anterior à eclosão das produções campaniformes, representado pelos conjuntos estremenhos caracterizados pela presença de copos canelados (CARDOSO, 1997, 2000, 2010).

2 – A consolidação das investigações (1932-1968)

As primeiras explorações arqueológicas realizadas nas estações pré-históricas do concelho de Cascais, representadas pelas intervenções nas grutas do Poço Velho e de Porto Covo proporcionaram importantes espólios. Os obtidos nas grutas do Poço Velho só em 1941 foram objecto de estudo detalhado e muito bem documentado (PAÇO, 1941), inserindo-se a respectiva publicação na longa e profícua actividade deste arqueólogo em Cascais (Fig. 3), desenvolvida conjuntamente com o Padre jesuíta Eugénio Jalhay, até ao falecimento deste, em 1950. Ao mesmo tempo, efectuou-se o reconhecimento do litoral ocidental do concelho, com a identificação de diversas ocorrências paleolíticas (BREUIL & ZBYSZEWSKI, 1945).

Neste âmbito, merece destaque o importante programa de pesquisas por ambos levado à prática, com a escavação parcial da necrópole de grutas artificiais de Alapraia, das quais uma já era conhecida, como se disse, desde 1889 (a chamada Gruta I), embora já no século XIX houvesse conhecimento de outras, de forma imprecisa (VASCONCELOS, 1898).

Em 1932, a abertura de um caminho no interior da povoação de Alapraia, então uma pobre aldeia rural, colocou a descoberto uma nova gruta, cujo enchimento forneceu na primeira inspecção realizada diversos espólios pré-históricos e restos humanos. Com as escavações, pouco depois iniciadas, verificou-se que a abertura do referido caminho tinha seccionado obliquamente o corredor da gruta, que passou a ser designada por Gruta II.

As escavações desenvolveram-se em 1932, 1934 e 1935 (Fig. 4). Os resultados foram publicados de forma resumida logo no final dos trabalhos (PAÇO & JALHAY, 1935) e, em 1941, em edição monumental da Academia Portuguesa da História, no âmbito das “Comemorações dos Centenários”. É de destacar o apuro desta publicação, tanto na organização da parte escrita, como nas ilustrações, especialmente evidente qualidade dos desenhos das taças Palmela profusamente decoradas e inserindo, pela primeira vez numa publicação de índole arqueológica portuguesa, reproduções a cores, neste caso perfeitamente justificadas (JALHAY & PAÇO, 1941).

As explorações foram apoiadas pela Junta de Educação Nacional e pela Câmara Municipal de Cascais e o impacto que, a nível internacional, tiveram tais descobertas, explica a visita que em 16 de Abril de 1944 o ilustre arqueólogo espanhol J. M. Santa-Olalla ali realizou (Fig. 5). Com efeito, o livro de honra da Junta de Turismo de Cascais, regista as suas impressões, a 16 de Abril daquele mesmo ano (CARVALHO, 1989).

A estratégia de acolher em Cascais arqueólogos estrangeiros de nomeada, de que merece justo destaque V. Gordon Childe, no Natal de 1949, entre outros ilustres arqueólogos estrangeiros devidamente identificados no citado estudo de António Carvalho tinha todo o sentido, porque era uma forma de projectar internacionalmente e conferir prestígio às actividades culturais então desenvolvidas de forma concertada e programada, devidamente integradas na promoção turística da região.

É importante verificar que, nesta estratégia promocional além-fronteiras, a Arqueologia detinha evidente importância, na óptica da Junta de Turismo de Cascais, sendo devidamente apoiada tanto por esta como pelo Município.

No panorama político da época, os decisores que estavam à frente das Instituições detinham capacidade efectiva de promover as iniciativas que, no seu entender, melhor contribuíssem para os objectivos pretendidos. Neste aspecto, cumpre salientar o nome do Eng. Augusto Abreu Nunes, Presidente da Junta de Turismo de Cascais, posteriormente designada por Junta de Turismo da Costa do Sol. Foi a sua genuína sensibilidade pela Arqueologia que possibilitou a realização das iniciativas que neste âmbito celebrizaram o concelho de Cascais, tomando parte em algumas delas ou mesmo assumindo o seu protagonismo.

Em 1949 apresentou ao I Congreso Nacional de Arqueología, reunido em Almería, os resultados sumários das novas escavações efectuadas em 1945 nas grutas do Poço Velho, publicando os mais importantes materiais arqueológicos exumados, logo nesse mesmo ano de 1949 em edição da Junta de Turismo de Cascais, contendo as comunicações que ao concelho diziam respeito (NUNES, 1949) acompanhadas de uma detalhada crónica daquela reunião. As respectivas actas só foram publicadas no ano seguinte, nelas se incluindo de novo a comunicação de Abreu Nunes (NUNES, 1950).

Os materiais exumados em 1945 nas grutas do Poço Velho foram detalhadamente publicados posteriormente (PAÇO, BÁRTHOLO & BRANDÃO, 1959), já depois de terem dado entrada na Sala de Arqueologia do Museu Condes de Castro Guimarães.

As preocupações de divulgação do rico património arqueológico de Cascais, exemplarmente manifestadas pelo Eng. Abreu Nunes, encontram-se documentadas em folheto de divulgação editado pela Junta de Turismo de Cascais, dando conta dos resultados das escavações realizadas em Alapraia, com larga difusão. A primeira edição deste folheto (JTC, 1943), refere-se à necrópole de Alapraia e nele se publicam algumas das peças mais notáveis ali recolhidas, como uma lúnula de calcário, que originou interessante artigo de A. do Paço sobre o culto lunar no decurso do Calcolítico na região em causa (PAÇO, 1955, aditamento) ou o par de sandálias

votivas de calcário (JALHAY & PAÇO, 1941) (Fig. 6), para além de alguns recipientes campaniformes notáveis como o vaso marítimo tantas vezes reproduzido (Fig. 7), ou uma belíssima taça Palmela, objecto de um estudo específico, cujo restauro foi patrocinado pela Junta de Turismo de Cascais (PAÇO, 1943/1944).

Os materiais recolhidos nas escavações da Gruta II de Alapraia, depois de uma indefinição em que foi considerada a possibilidade de serem depositados num Museu de Lisboa, acabaram por integrar as colecções do Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães. Com efeito, em Abril de 1942 foi inaugurada a Sala de Arqueologia, com os espólios da Gruta II de Alapraia (BEAUMONT, 1971) entregues pela Junta de Turismo de Cascais, a que se juntaram ulteriormente outros conjuntos, igualmente importantes, das escavações realizadas nas Grutas III e IV.

A Gruta III, de cuja existência havia indícios desde 1935, foi escavada em 1942; constituía, na opinião dos escavadores, “o mais belo monumento de toda a necrópole”(PAÇO, 1955, p. 55), mas encontrava-se parcialmente debaixo de uma casa térrea. A escavação evidenciou, como ficou então devidamente registado, um enchimento ocupando a totalidade da gruta, de cima a baixo constituído por entulhos medievais/modernos, avultando apenas a recolha de um cilindro de calcário pré-histórico de assinaláveis dimensões.

A Gruta IV, “encontrada casualmente em Março de 1943, quando se procedia à abertura de uma vala para a instalação de tubagens de água, foi explorada nesse mesmo ano” (PAÇO, 1955, p. 29), a qual proporcionou a identificação de um monumento em bom estado de conservação e com abundantes e importantes espólios arqueológicos, denotando sucessivas reutilizações funerárias pré-históricas da cavidade, que na actualidade ocupa o largo da povoação de Alapraia, depois de demolida a casa adjacente (ver Fig. 4).

A estratégia de divulgar internacionalmente os resultados obtidos está presente em artigo de síntese publicado em Espanha, a que A. do Paço associou Fausto de Figueiredo (FIGUEIREDO & PAÇO, 1946). Esta situação é curiosa, pois seria normal que o co-autor fosse Eugénio Jalhay, que havia colaborado nas escavações. A sua substituição pelo banqueiro cascalense que, anteriormente, havia assinado já com A.do Paço o “Esboço arqueológico do concelho de Cascais” (PAÇO & FIGUEIREDO, 1943), bem como a primeira notícia sobre a estação romana de Areia, dita dos “Casais Velhos” (FIGUEIREDO & PAÇO, 1949, 1950) explica-se talvez pelos apoios que Fausto de Figueiredo (1911-1971) – não confundir com o empresário do mesmo nome, que se notabilizou na mesma época na região cascalense (1880-1950) – concedeu à actividade arqueológica então desenvolvida por A. do Paço. Foi, pois, um gesto essencialmente de reconhecimento de A. do Paço, o de conferir a Fausto de Figueiredo posição semelhante à do Eng. Abreu Nunes na co-autoria das publicações que então vinha elaborando sobre Cascais.

*** **

No dia 25 de Abril de 1941 Leonel Ribeiro identificou, num trecho da escarpa sobre o mar, em S. Pedro do Estoril, os primeiros indícios das que viriam a ser ulteriormente descritas como duas grutas artificiais, contíguas, das quais só se conservaram as respectivas câmaras (LEISNER, PAÇO & RIBEIRO, 1964).

As escavações, desde logo iniciadas, decorreram até 1 de Agosto de 1941 (Fig. 8) e contaram exclusivamente com o apoio da Junta de Turismo de Cascais, tendo os espólios que se viessem a recolher sido desde logo destinados ao Museu Condes de Castro Guimarães, uma vez que já ali existia Sala de Arqueologia patente ao público. Os trabalhos revelaram-se de importância comparável aos que, na mesma altura, estavam a ser efectuados em Alapraia, mas não conheceram a mesma sorte, pois tiveram de esperar até 1964 para serem condignamente publicados, na memória acima citada. Esta foi editada pelos autores, com o patrocínio da Fundação Calouste Gulbenkian, seguindo o mesmo modelo gráfico, de grande qualidade, das Memórias dos Serviços Geológicos de Portugal, associando à autoria do trabalho Vera Leisner (1885-1972), que pouco antes havia sido co-autora de uma dessas Memórias, a dedicada às grutas artificiais de Casal do Pardo, Quinta do Anjo, Palmela (LEISNER, ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1961).

É provável que o atraso na publicação desta memória se deva essencialmente aos próprios autores, pois, em caso contrário, seria provável que os resultados conhecessem publicação de qualidade idêntica à memória dedicada à da Gruta II, com tiragem especial financiada pela Junta de Turismo de Cascais, a partir do volume onde originalmente foi inserida (JALHAY & PAÇO, 1941). Seja como for, logo em 1946, por iniciativa do Eng. Abreu Nunes (1891-1966) se editou a 2.^a edição do folheto divulgação “Curiosidades arqueológicas do concelho de Cascais”, anteriormente dedicado exclusivamente a Alapraia, e que passou a integrar outro capítulo dedicado a esta necrópole (JTC, 1946). Nele se inclui ampla documentação gráfica das peças mais importantes, cujo restauro foi entretanto patrocinado pela Junta de Turismo de Cascais (Fig. 9). Estranhamente, esta notícia não se apresenta assinada, pois a primeira publicação que se refere às grutas artificiais em apreço deve-se a uma comunicação que Leonel Ribeiro apresentou em 1950 e da qual foi apenas publicado o respectivo resumo (RIBEIRO, 1951).

A preocupação de Afonso do Paço de se efectuarem estudos pluridisciplinares dos espólios arqueológicos obtidos nas escavações de que foi responsável, explica o artigo em co-autoria que assinou com Joaquim Bação Leal sobre os dentes isolados recolhidos em São Pedro do Estoril (LEAL & PAÇO, 1962). A antropologia das populações pré-históricas cascalenses só voltaria a ser objecto de estudo muitos anos depois, com o estudo dos espólios das grutas do Poço Velho (ANTUNES-FERREIRA, 2005).

Tal como se verificou com as grutas artificiais de Alapraia, também as grutas artificiais de São Pedro do Estoril entraram no circuito de visita organizado para os ilustres arqueólogos estrangeiros que acorriam a Cascais. Assim se explica a presença do arqueólogo inglês Stuart Pigott (1910-1996), Professor de Arqueologia Pré-Histórica na Universidade de Edimburgo, ali foi fotografado, conjuntamente com sua Mulher e A. do Paço, em Maio de 1947 (Fig. 10). Nesse mesmo ano o ilustre arqueólogo viria a publicar na “Revista de Guimarães” interessante artigo dedicado ao estudo das relações pré-históricas entre Portugal e a Ilhas Britânicas.

Na verdade, a pequena Sala de Arqueologia aberta ao público em 1942 no Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães aquando da visita inaugural que ali efectuou o Presidente da República, no dia 5 de Abril de 1942 (Fig. 11), à qual, muito justamente foi dado o nome de Eugénio Jalhay e Afonso do Paço (Fig. 12), serviu adequadamente aos fins de divulgação cultural que estiveram na sua origem, e que foram acompanhados, na vertente editorial, e sempre por iniciativa da Junta de Turismo da Costa do Sol, com a edição de um novo folheto destinado ao grande público, intitulado “Arqueologia da Costa do Sol” (PAÇO, 1957), corporizando uma política coerente e bem articulada neste domínio entre a autarquia e a Junta de Turismo.

O sucesso desta política nas camadas escolares da população concelhia resultou no aumento da sua afluência ao Museu. A propósito dos trabalhos escolares produzidos pelos alunos no âmbito dessas visitas, são de registar as palavras da então conservadora do Museu: “uma nota curiosa que apontarei dessas visitas é a predominância com que aparecem as vitrines e as peças de arqueologia que muito os impressionam (...)” (BEAUMONT, 1971, p. 34).

Com efeito, a qualidade dos espólios expostos, a par do acréscimo de visitantes, justificou a organização de uma nova sala na cave do edifício, desaterrada e remodelada, já na década de 1960. O programa de reinstalação deveu-se a O. da Veiga Ferreira, com a ajuda do desenhador dos Serviços Geológicos José Mourão (BEAUMONT, 1971, p. 33) e resultou num espaço acolhedor, mais amplo que o anterior, com uma janela debruçada sobre a bela enseada de Santa Marta (Fig. 13).

A reorganização desta sala e a publicação de três monografias de carácter arqueológico, de grande sobriedade mas assinalável qualidade gráfica, editadas em 1964 no âmbito das comemorações do VI Centenário da vila de Cascais, constituem ponto alto da arqueologia cascalense.

No curto ensaio “A Cultura do vaso campaniforme no concelho de Cascais” (FERREIRA, 1964), O. da Veiga Ferreira, que viria a defender no ano seguinte a sua tese de doutoramento na Sorbonne sobre a mesma temática, estendida ao território português (FERREIRA, 1966), apresenta diversas considerações que importa serem lembradas. Talvez a mais interessante e premonitória seja a que reporta ao Egipto pré-dinástico as influências culturais que explicam a existência do par de sandálias votivas de calcário de Alapraia, aliás com um paralelo peninsular de osso, recolhido em Almizaraque (Almería). A possibilidade de terem existido tais contactos, ainda que de forma indirecta, tem vindo a ser recentemente fortalecida por novos argumentos, como é o caso da demonstração da existência, desde o 3.º milénio a.C., no povoado pré-histórico de Leceia, de burro doméstico, de origem próximo-oriental (CARDOSO et al., 2013), ou da presença, na mesma época, em Los Millares (Almería), de artefactos em marfim de elefante asiático (SCHUHMACHER, 2012). Esta realidade, que até época recente não tinha sido possível demonstrar devido à falta de provas directas, veio a ser reforçada pela ocorrência, em necrópole colectiva campaniforme de Torres Novas de artefacto cuja análise indicou ter sido manufacturado em marfim de hipopótamo (CARVALHO, 2018). Deve, assim, sublinhar-se a perspectiva de Veiga Ferreira que, embora com informação limitada, já há mais de 50 anos chamara a atenção para a existência de tais

contactos, rejeitados até época recente por pré-historiadores portugueses; e, não obstante, mesmo antes de Veiga Ferreira outros investigadores, em Portugal, tinham chamado explicitamente a atenção para tais contactos com o antigo Egipto, uns de forma inconsistente (VAULTIER, 1953), outros de forma mais credível (JALHAY, 1943).

Outra publicação, vinda a lume por ocasião das comemorações dos 600 anos da vila de Cascais é da autoria de Afonso do Paço, e intitula-se “Cascais há 4000 anos” (PAÇO, 1964 a). Esta obra fez a síntese possível da história das comunidades pré-históricas então identificadas no território cascalense.

As excepcionais produções campaniformes já conhecidas de Alapraia e de São Pedro do Estoril, a par de outras peças notáveis como o par de sandálias votivas recolhidas em Alapraia, juntaram-se às taças campaniformes de pé alto (*fruitstands*) publicadas nesse mesmo ano de 1964 na monografia dedicada a São Pedro do Estoril, tendo o Autor admitindo a presença no território de Cascais, de duas populações pré-históricas cronológica e culturalmente bem diferenciadas. Tal realidade seria corporizada pelas comunidades portadoras das cerâmicas campaniformes de há muito conhecidas, que se teriam sucedido às comunidades neolíticas já vislumbradas em 1916 por Félix Alves Pereira na estação do Estoril mas só agora plenamente demonstradas, com base nos resultados obtidos por A. do Paço e colaboradores na escavação do povoado de encosta da Parede.

*** **

O importante povoado da Parede, situado no perímetro urbano daquela povoação, encontrava-se infelizmente já muito destruído aquando da sua identificação; no entanto, merece particular atenção dada a sua importância científica. A ele dedicou A. do Paço monografia publicada aquando das comemorações dos 600 anos da vila de Cascais (PAÇO, 1964 b), completando-se assim a trilogia de monografias arqueológicas nesse ano patrocinadas pela autarquia. O reconhecimento do interesse arqueológico do local foi feito a 16 de Setembro de 1953 por Eduardo Prescott Vicente e Eduardo da Cunha Serrão (1906-1991). O sítio encontrava-se já cortado pela abertura de arruamentos relacionados com a expansão urbana da Parede; mas foi precisamente a existência desses taludes de escavação recentes que permitiu identificar sequência arqueológica com a recolha dos primeiros materiais, realidade que o signatário teve a oportunidade de confirmar em 1973.

No Verão de 1955 os achadores do sítio convidaram A. do Paço a visitar a estação e, uma vez reunidos os apoios necessários, disponibilizados pela Câmara Municipal de Cascais e pelo Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, dirigido por A. A. Mendes Corrêa, efectuou-se o que se designou uma “trincheira de reconhecimento”, que conduziu à confirmação do interesse arqueológico do sítio, cuja área se destinava à construção de uma escola do 1.º Ciclo.

No conjunto do espólio recolhido, logo se evidenciou a importância dos bordos denteados, que corporizariam uma presença humana anterior à das produções campaniformes, também presentes no

local, ainda que não tenha ficado registada graficamente a posição estratigráfica destes dois conjuntos, assinalando-se apenas a existência de duas camadas arqueológicas intactas (PAÇO, SERRÃO & VICENTE, 1957).

A colaboração entre os três arqueólogos, face aos promissores resultados alcançados na sondagem de 1955, teve continuidade em 1956. Nos meses de Outubro e Novembro daquele ano, escavou-se assinalável área da estação arqueológica a partir de um dos lados da sondagem efectuada em 1955, segundo o método da quadrícula. Pode, assim concluir-se que esse método não foi introduzido modernamente na Arqueologia portuguesa por Cunha Serrão, como frequentemente se refere, mas sim por uma equipa dirigida por A. do Paço, uma vez que foi ele o primeiro signatário do trabalho apresentado em 1956 onde se publicam os resultados obtidos em 1955 e 1956 (PAÇO, SERRÃO & VICENTE, 1957) e o responsável oficial pelos trabalhos de campo.

Porém, esta parceria foi bruscamente interrompida porque, conforme declarou E. da Cunha Serrão muitos anos volvidos, contra a sua vontade e a de Prescott Vicente “a instalação em Parede (1957) de um campo internacional de trabalhos arqueológicos (...) perturbou o ritmo da metodologia pré-estabelecida e consequente eficiência da colaboração entre os três arqueólogos” (SERRÃO, 1983, p. 119).

Esta afirmação não merece crédito; tendo presentes os resultados publicados ulteriormente apenas por A. do Paço, verifica-se que a metodologia da escavação, seguindo a quadrícula pré-definida em 1956 foi por ele rigorosamente continuada (Fig. 14). Por outro lado, os planos e cortes da escavação então publicados (PAÇO, 1964 b) revelam trabalho de qualidade, tendo participado vários estudantes de arqueologia depois arqueólogos de nomeada, como Béatrice Blance, integrados no 1.º Campo Internacional da Mocidade Portuguesa. Mas a verdadeira razão da desinteligência de Cunha Serrão com Afonso do Paço não residiu no facto de tal campo ser da Mocidade Portuguesa, mas sim porque, com a confirmação de a responsabilidade dos trabalhos ter sido oficialmente atribuída a Afonso do Paço, o papel Cunha Serrão ficava menorizado.

Deste modo, as incompatibilidades invocadas por Cunha Serrão com Afonso do Paço dever-se-ão reportar exclusivamente às suas dificuldades em estabelecer colaboração partilhada com outros arqueólogos, desde que não fosse ele a assumir o protagonismo, como aliás se veio ulteriormente a verificar com as desinteligências surgidas com o próprio Prescott Vicente e com os escassos colegas que com ele circunstancialmente colaboraram, como o Arq. Gustavo Marques. Tal característica não invalida, e até confirma, o seu genuíno empenho como formador de alguns estudantes de arqueologia que dele se abeiraram na década seguinte.

Esta situação explica a extemporânea publicação de que Cunha Serrão foi co-autor em 1958, a qual se limita a dar notícia da identificação da estação arqueológica (VICENTE & SERRÃO, 1958), quando já três campanhas de escavação haviam decorrido e já depois de publicado o resultado das duas primeiras, em trabalho de que fora co-autor.

Os principais resultados das escavações de 1957, as últimas efectuadas na Parede, foram publicados por A. do Paço na monografia dedicada ao sítio em 1964. Foi então comprovada a existência de uma primeira ocupação a que deu o nome de PAREDE I, corporizada por camada intacta na base da sequência estratigráfica, caracterizada pela presença de vasos de bordo denteado (Fig. 15) e de recipientes lisos carenados, coberta por outra camada com materiais campaniformes, designada por PAREDE II.

Apenas a camada basal se apresentava bem definida, contrastando com a camada mais moderna, que evidenciava revolvimentos modernos devidos aos trabalhos agrícolas.

A. do Paço assinalou que tais remeximentos atingiam a parte superior da camada mais antiga, o que provocou misturas entre os espólios respectivos, que impediam a destrição quanto à sua origem primária, a não ser pela tipologia (PAÇO, 1964 b).

Face ao exposto, dificilmente se compreende outra iniciativa de E. da Cunha Serrão, tomada muitos anos volvidos e baseado apenas nos seus apontamentos de 1955 e de 1956 que, note-se, deram origem ao artigo de que foi co-autor em 1957. Em 1983 decidiu reinterpretar com base em tais apontamentos a estratigrafia da estação, introduzindo na sequência de ocupação do povoado uma fase intermédia entre as duas referidas, caracterizada pela presença de copos canelados (SERRÃO, 1983), atribuindo-a ao Calcolítico Inicial. Em apoio dessa suposta ocupação intermédia reproduz alguns exemplares (op. cit., Fig. 18), que se vieram juntar aos escassíssimos exemplares publicados por A. do Paço (PAÇO, 1964, Fig. 18, n.º 18, 20 e 24), os quais, pela escassez e falta de segurança estratigráfica, devem provir da camada remexida assente na do Neolítico Final.

A explicação para esta “camada fantasma” parece residir na época em que Cunha Serrão redigiu o respectivo trabalho. Com efeito, nos finais da década de 1970 o autor estava empenhado, como outros seus colegas, na periodização do Neolítico e do Calcolítico da Estremadura (SERRÃO, 1979), na qual as cerâmicas caneladas detinham evidente importância, ao terem então sido devidamente valorizadas, e bem, como representativas da fase inicial do Calcolítico da Estremadura: era a “Importkeramic” de certos autores alemães, como Schubart e Sangmeister, considerada como evidência da presença de pretensos colonizadores oriundos do Mediterrâneo oriental.

Tratou-se, pois, de acrescentar “novos” e “prestigiantes” elementos de observação na estratigrafia da Parede condizentes com os então observados noutras estações da região, como o Alto do Dafundo (GONÇALVES & SERRÃO, 1978) com o objectivo de suplantar as observações de Afonso do Paço, que pecariam por incompletas.

No entanto, caso tais observações fossem efectivamente reais, não se compreende que Cunha Serrão as não tivesse publicado logo no artigo de 1957, do qual foi co-autor.

A alternativa corresponderia à ocultação de elementos científicos ao responsável pelas escavações, procedimento eticamente inaceitável, para mais por parte de um dos auto-apregoados paladinos da ética arqueológica (SERRÃO, 1978).

A datação pelo radiocarbono de dois artefactos de osso (GONÇALVES, 2005, p. 70) cuja data indica o Calcolítico Inicial significa apenas, tal como os escassíssimos fragmentos de cerâmicas caneladas identificados, uma efectiva presença na área da estação ou na sua adjacência, de uma ténue presença, insuficiente para corporizar uma verdadeira camada arqueológica, do Calcolítico Inicial mas, como se desconhece o respectivo contexto estratigráfico, tais resultados nada acrescentam ao já conhecido.

Dada a implantação do povoado numa encosta de pendor suave, é provável que estes espólios provenham, por gravidade, de locais adjacentes com altitudes superiores.

Deste modo, e até nova ordem, as observações estratigráficas publicadas por Afonso do Paço em 1964 são as correctas, as quais, aliás, se encontram em sintonia com as apresentadas em 1957, em co-autoria Cunha Serrão.

Importa ainda referir que Cunha Serrão, na sua publicação de 1983, sintomaticamente, não associou Prescott Vicente, seu companheiro na descoberta da estação e nas duas campanhas arqueológicas em que ambos participaram, por entretanto também com ele se ter incompatibilizado (CARDOSO, 2005, p. 145), confirmando anteriores observações a propósito da sua forma de relacionamento com os colegas.

Em síntese, a “invenção no papel”, muitos anos depois, de uma ocupação isolada no povoado da Parede do Calcolítico Inicial, teve dois objectivos por parte de Cunha Serrão: i) descredibilizar o trabalho de Afonso do Paço, procurando evidenciar as suas insuficiências como arqueólogo de campo; ii) mostrar que na Parede a sequência canónica do Calcolítico estremenho estaria também representada; com efeito, por via dos trabalhos efectuados pela mesma altura em Vila Nova de São Pedro, foi possível demonstrar que o estrato basal era caracterizado precisamente por aquelas produções cerâmicas, ali arqueologicamente isoladas pela primeira vez pelo próprio Afonso do Paço (PAÇO, 1959).

*** **

O principal resultado obtido nas escavações efectuadas no povoado pré-histórico da Parede foi a identificação estratigraficamente isolada da ocupação designada por Afonso do Paço como PAREDE I, que corresponde a camada intacta da base da sequência ali definida, caracterizada pela presença de bordos denteados e recipientes lisos carenados, que corporiza o Neolítico Final regional.

O conjunto dos materiais cerâmicos pertencentes a esta fase crono-cultural foi ulteriormente objecto de estudo exaustivo, com base nos espólios conservados nas reservas arqueológicas do Museu Condes de Castro Guimarães e no Museu da Associação dos Arqueólogos Portugueses (POMBAL, 2006).

A mesma associação voltou a observar-se em Leceia onde são igualmente os elementos característicos da camada basal ali observada, onde foi possível datá-la com precisão no último quartel do IV milénio a.C./ primórdios do milénio seguinte (CARDOSO, 1997, 2000, 2010). Idêntica ocupação foi caracterizada em Vale de Lobos (Sintra), tendo-se obtido duas datações de radiocarbono coerentes que se integram neste mesmo intervalo de tempo (VALENTE, 2006, p. 77).

Deste modo, os dados até ao presente acumulados sobre o registo tipológico e cronológico do Neolítico Final da península de Lisboa, escassos mas absolutamente coerentes, corroboram a legitimidade da tese de K. Spindler ao ter definido em 1976, de forma essencialmente arqueográfica, à falta de indicações estratigráficas então indisponíveis, exceptuando o povoado da Parede – o único sítio até então cabalmente caracterizado – expressivamente designado por “Neolithische Parede-Gruppe” (SPINDLER, 1976). Tal perspectiva, que o empo viria a dar razão, continua estranhamente a ser rejeitada por alguns arqueólogos que entretanto passaram por Cascais, pois todos os elementos já então apontavam para a validade da proposta de Spindler. Não por acaso, o referido arqueólogo alemão, dois anos volvidos, viria a integrar os espólios do povoado de Vale de Lobos conservados no Museu dos Serviços Geológicos de Portugal (SPINDLER, 1978), no conjunto de sítios da península de Lisboa representado pelo povoado da Parede, conferindo assim ao conceito sustentabilidade acrescida.

A segunda fase das investigações arqueológicas realizadas no domínio da Pré-História recente no concelho de Cascais poderia terminar, à guisa de epílogo, com a confirmação da legitimidade do “Grupo da Parede”, de K. Spindler, não fosse o caso de existir ainda uma estação a que importa dedicar algumas linhas: a gruta de Porto Covo.

Trata-se de necrópole neolítica e calcolítica referida no início deste estudo, cujos espólios se podem observar no Museu Geológico do LNEG (Lisboa) a qual foi explorada em 1879 por indicação de Carlos Ribeiro (CARDOSO, 1993, p. 96), tendo então sido esvaziada na sua quase totalidade. Ao depósito inferior, de época plistocénica, cuja fauna foi publicada pelo signatário (CARDOSO, 1993), sucedia-se outro depósito com espólios neolíticos e calcolíticos (PAÇO & VAULTIER, 1943 b).

Desde logo, a ausência de pontas de seta sugeria cronologia anterior ao Neolítico Final, época em que tais artefactos surgem nos espólios da região. Deste modo, ainda que não se dispusesse de datações de radiocarbono, optou o signatário pela designação, mais abrangente, de “Neolítico recente” (CARDOSO, 1993, p. 96), embora diferenciada da designação de “Neolítico Final”, considerada mais moderna. Tal realidade foi entretanto confirmada, através de diversas datações de radiocarbono (GONÇALVES, 2008 a).

A instalação ulterior de uma sepultura ou de pequena necrópole campaniforme nesta gruta está documentada por um conjunto cerâmico exclusivamente liso, destacando-se uma taça de pé alto, como as de São Pedro do Estoril, e um vaso campaniforme liso. A taça, no trabalho inicialmente dedicado ao conjunto, surge como se de dois recipientes se tratasse (PAÇO & VAULTIER, 1943, Fig. 4, n.ºs 11 e 12), passando despercebidas, as fracturas exibidas pelo menos por um dos fragmentos, evidentes na foto publicada (op. cit, Fig. 4, n.º 12) e que indicavam o prolongamento da parede do vaso. A situação só foi resolvida em Junho de 1951, depois da observação da peça, conservada nas colecções dos então designados Serviços Geológicos de Portugal pelo então jovem arqueólogo John Evans, que sugeriu tratar-se de um única peça, como as de São Pedro do Estoril, por ele vistas pouco tempo antes, tendo a reconstituição ficado a cargo de G. Zbyszewski (PAÇO & VAULTIER, 1956).

Epílogo desta fase de estudos – seguramente a que mais resultados conduziu no faseamento tripartido que se adoptou para a caracterização da Pré-História de Cascais – foi a publicação, em 1971, da bibliografia arqueológica pré e proto-histórica relativa a Cascais (PAÇO, 1971), trabalho póstumo e que mereceu ao então Vice-Presidente da Câmara Municipal de Cascais, Eng. António de Castello-Branco as seguintes palavras, no prólogo ao contributo do ilustre arqueólogo:

“Cascais não pode deixar de manifestar gratidão e de prestar homenagem, a quem tanto deve, pelas pesquisas, estudos e publicações sobre a arqueologia Cascalense. A Bibliografia que se publica, é a sua última dádiva à terra porque tinha tanta afeição e onde tem a sua última morada”.

Palavras merecidas para quem, tão desligado de interesses materiais, foi trabalhador incansável em prol da arqueologia de Cascais.

3 – A Arqueologia pré-histórica cascalense desde 1975: de Guilherme Cardoso, José d’Encarnação e João Cabral a um presente com futuro incerto

Na década de 1970 e em parte da seguinte, o concelho de Cascais assistiu a um desenvolvimento urbanístico quase sempre desregrado. Foi a época da explosão dos bairros clandestinos, cuja construção desacompanhada de critérios de planeamento e de fiscalização, prejudicou a cabal defesa do património arqueológico, que era destruído paulatinamente antes mesmo de ser conhecido. Ainda assim, realizaram-se escavações promovidas por Guilherme Cardoso e José d’Encarnação que procuraram, com o seu trabalho isolado, mas pertinaz e permanente, salvar da destruição o que fosse ainda possível, do rico património arqueológico cascalense. Algumas intervenções isoladas por eles então levadas a cabo, somaram-se a outras, sempre desacompanhadas de quaisquer apoios oficiais. Foi o caso da escavação da estação paleolítica de Cabecinho (S. Domingos de Rana) realizada em 1982 e dirigida pelo signatário, onde se aplicou, pela primeira vez em Portugal, a análise da distribuição dos materiais líticos identificados à superfície, por aplicação de uma quadrícula pré-estabelecida, tendo em vista a identificação de áreas de maior concentração de materiais que justificassem ulterior escavação. Com efeito, a escavação logo realizada (Fig. 16), evidenciou interessante ocupação do Paleolítico Médio, com pequenos bifaces amigdalóides sobre seixos de quartzito de tradição acheulense (Fig. 17), assente num depósito detrítico residual calabriano, constituído por seixos rolados, alguns deles trabalhados, conservado nas depressões do lapiás calcário (CARDOSO, 1982). Foi a primeira vez que se escavou uma estação paleolítica no território cascalense, juntando-se aos resultados das prospecções realizadas na década de 1940 ao longo do litoral por Henri Breuil e Georges Zbyszewski (BREUIL & ZBYSZEWSKI, 1945), e aos escassos espólios solutrenses recolhidos nas grutas do Poço Velho no século XIX, os quais só foram identificados como tal aquando da primeira síntese realizada sobre o Solutrense no território português (FERREIRA, 1962).

A criação de um Gabinete de Arqueologia na Câmara Municipal de Cascais em 1988, impulsionada pelos assinaláveis resultados arqueológicos que vinham sendo obtidos, teve uma consequência imediata,

que foi a integração a tempo inteiro do malgrado João Cabral nos quadros da autarquia. Assim se colmataram as evidentes fragilidades existentes, que impediam actuação oficial atempada, permanente e consistente, adaptada caso a caso.

Com efeito, a importância dos contributos devidos a João Cabral era de há muito reconhecida, desde que, em 1977, iniciou colaboração com Guilherme Cardoso e José d'Encarnação nas sondagens realizadas na estação romana do Alto do Cidreira, que logo tiveram continuidade através de outras participações em escavações arqueológicas, como a da *villa* romana de Freiria, a partir de 1985.

Tais iniciativas conheceram evidente incremento a partir do momento em que João Cabral assumiu as funções de arqueólogo na Câmara Municipal de Cascais, tendo, logo no próprio ano de criação do Gabinete, participado nas escavações da necrópole muçulmana do Arneiro (Alcabideche), a que se seguiram muitas outras.

Tão diversificada actividade revestiu, sobretudo, a forma de intervenções de emergência em contextos urbanos, sempre em colaboração com Guilherme Cardoso, com José d'Encarnação ou com ambos, prolongando-se até aos inícios do novo milénio. Interessaram períodos cronológicos muito distintos, embora nenhuma tenha respeitado época pré-histórica, a não ser a sua colaboração nas escavações do casal saloio adjacente às grutas de Alapraia, integrada na intervenção arqueológica coordenada por Victor S. Gonçalves entre 2005 e 2008. O principal objectivo desta iniciativa financiada pela autarquia, no âmbito da valorização museológica do espaço em causa, era o de realizar a escavação do espaço envolvente das grutas e, especialmente, a escavação da Gruta III, situada sob uma casa térrea, a qual veio então a ser adquirida e demolida pela municipalidade. Os resultados obtidos foram modestos: o espaço envolvente das grutas forneceu apenas escassos artefactos pré-históricos isolados, desprovidos de contexto; e o mesmo se verificou com a escavação da gruta III. Com efeito, esta gruta, como já se sabia desde o tempo em que Afonso do Paço a escavou na parte que lhe era então acessível (PAÇO, 1955), encontrava-se completamente entulhada com materiais heterogéneos que ao longo de sucessivas épocas para ali foram despejados. Tais informações, não podiam deixar de ser, como foram, plenamente confirmadas pela escavação dirigida por V. S. Gonçalves, pois apenas se recolheram alguns materiais pré-históricos descontextualizados, a par de uma presença de medieval interpretada como “silo islâmico” no corredor da gruta e de uma área de entulhos a montante do mesmo (GONÇALVES, s/d, p. 7).

Ainda assim, o assinalável investimento financeiro efectuado pela Câmara poderia ficar justificado, caso a musealização do espaço arqueológico, que tão importante se afigurava a João Cabral, se tivesse efectuado, pois para tal estavam já reunidas todas as condições necessárias.

Mas não foi isso que aconteceu. O notável espaço arqueológico representado pelas quatro grutas artificiais, que desde a década de 1930 tão intensamente era procurado por visitantes nacionais e estrangeiros, constituindo um ex-libris incontornável do património cultural cascalense acabou por tornar-se inacessível aos visitantes, com o entulhamento pela municipalidade da Gruta III e da Gruta

IV, a mais emblemática de todas, situada no largo da povoação. Apenas ficou acessível a Gruta I, a qual permanece nas mesmas condições em que foi identificada como monumento pré-histórico por Francisco de Paula e Oliveira no século XIX!

Esta realidade ilustra, em todo o caso, a falta de uma política coerente para a defesa e valorização do património arqueológico cascalense, por parte da primeira entidade que deveria pugnar e tomar a iniciativa, no caso através da concretização de um plano de valorização do complexo arqueológico que nunca passou do papel.

Em tempo de balanço, as escavações realizadas em Alapraia no âmbito da projectada “valorização do sítio” conduziram a uma situação pior da existente antes daquelas terem tido lugar. Talvez se a proposta apresentada em 1992 pelo Dr. João Cabral, enquanto responsável do Gabinete de Arqueologia relativa à valorização do espaço em causa tivesse sido então levada a cabo o desfecho fosse diferente.

O empenho e competência de João Cabral, sempre demonstradas enquanto responsável do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Cascais foram confirmados pessoalmente pelo signatário em Outubro de 2003, aquando da realização de trabalhos arqueológicos preventivos na encosta do Cabeço do Mouro, chaminé basáltica onde se situou povoado do Bronze Final, no âmbito do processo de licenciamento daquele espaço para construção (CARDOSO, 2006).

Com efeito, João Cabral conseguiu impor o princípio da obrigatoriedade do licenciamento dos projectos urbanísticos, especialmente os situados em áreas mais sensíveis, serem previamente objecto de intervenções arqueológicas de carácter preventivo, para além das intervenções arqueológicas urbanas nos cascos históricos das povoações mais antigas do concelho, nas quais tão intensamente participou.

Em resultado daquela disposição municipal que a João Cabral se deve, foi nesta época que, mercê de intervenções arqueológicas realizadas no âmbito da mitigação de impactes no património arqueológico resultado de construções urbanas, se escavaram novos e interessantes sítios pré-históricos, de que se destacam, para além do Cabeço do Mouro, o sítio provavelmente de época magdalenense da Quinta da Bicuda (CARVALHO, 1996, 2016), e o de Zabrizes, onde as escavações dirigidas por Guilherme Cardoso conduziram à identificação de uma cabana elipsoidal da Idade do Bronze.

Para tanto, dispunha já a Câmara de um instrumento de gestão essencial, que era a Carta Arqueológica do município. A primeira versão deste documento, publicada pela própria autarquia em 1943 (PAÇO & FIGUEIREDO, 1943) veio a ser sucessivamente enriquecida, quer por documentação impressa (CARDOSO & ENCARNÇÃO, 1984), que por relatórios remetidos por Guilherme Cardoso e José d’Encarnação ao então IPPC dando conta do progresso dos conhecimentos obtidos por via das investigações que continuavam a realizar no concelho de Cascais. Da compilação de toda esta informação, resultou a publicação, pela autarquia, da segunda carta arqueológica do concelho de Cascais em 1991 (CARDOSO, 1991).

A intervenção de João Cabral à frente do Gabinete de Arqueologia cascalense ultrapassou largamente a vertente arqueológica propriamente dita, pois desde cedo o seu interesse e sensibilidade o motivaram para estudos integrados, articulando o património arqueológico ao património arquitectónico e ao histórico-etnográfico, exigindo aproximações metodológicas de âmbito mais vasto e nalguns casos pioneiro, de que resultaram livros e publicações de mérito.

Sublinha-se, a tal respeito, a importância dos três volumes de “Um olhar sobre Cascais através do seu Património”, editados em Cascais em 1990 (vol. 1) e 1993 (vols. 2 e 3), resultantes de exposição por si coordenada em parceria com Guilherme Cardoso, em 1989, organizada em quatro núcleos distintos: mundo rural; arte sacra e fontes documentais; património cultural; e Descobrimentos.

Dos trabalhos assim desenvolvidos resultaram, no campo de estudos que neste trabalho se aborda, contributos de primeira importância para a Arqueologia nacional.

Entre todos, avulta a escavação da camada pré-histórica da encosta onde depois se implantou a *villa* romana da Freiria (Fig. 18). Ali se identificou povoado aberto, de época campaniforme, com estruturas domésticas diversas (cabanas e lareiras) (Fig. 19), onde se recolheram centenas de fragmentos decorados daquela época, acompanhados por variado instrumental de pedra polida e de pedra lascada, elementos metálicos e objectos de adorno e de carácter simbólico (Fig. 20), constituindo conjunto que bem evidencia a importância excepcional deste sítio campaniforme a nível peninsular (CARDOSO, CARDOSO & ENCARNAÇÃO, 2013). As datações absolutas obtidas permitiram outrossim o enquadramento deste povoado aberto no contexto regional, justificando publicação internacional de síntese dedicada aos aspectos económicos e sociais do campaniforme do estuário do Tejo (Fig. 21) largamente citada além-fronteiras (CARDOSO, 2014).

Aos resultados obtidos em novas intervenções arqueológicas como a da Freiria, promovida pela Associação Cultural de Cascais, somaram-se algumas monografias sobre estações de há muito conhecidas e já objecto de anteriores publicações editadas pela Câmara, onde António Carvalho, empenhado, dinâmico e competente Director do Departamento de Cultura da Câmara Municipal de Cascais teve um papel incontornável. Para além da organização de importantes reuniões internacionais no domínio da Pré-História, a última das quais realizada em 2005, cujas actas constituem referência obrigatória, em publicação assegurada pela autarquia e coordenada por Victor S. Gonçalves, regista-se o apoio então providenciado às diversas intervenções arqueológicas então realizadas ou em curso. Enfim, as diversas monografias sobre várias estações pré-históricas concelhias, como as dedicadas às grutas de Porto Covo (GONÇALVES, 2008 a) e às do Poço Velho (GONÇALVES, 2008 b), entre outras publicações coordenadas pelo mesmo autor, de aparato gráfico deslumbrante, marcam um ponto alto no estudo, valorização e divulgação da Arqueologia Pré-Histórica cascalense (CARVALHO, 2016).

Em suma, pode dizer-se que a última fase da história da Arqueologia pré-histórica cascalense foi caracterizada, de início, pelo trabalho incansável de Guilherme Cardoso em todas as épocas, e também de José d'Encarnação, mais centrado na epigrafia romana e na investigação dos sítios desta época.

Ambos, actuando com poucos meios mas munidos de uma grande convicção naquilo que faziam, conseguiram provar a importância da criação de um Gabinete de Arqueologia municipal, a que João Cabral se dedicou com empenho, enquanto teve forças para tal.

Seguiu-se um período intermédio, no qual a Arqueologia obteve destacada visibilidade, recuperando o tempo perdido, tendo à frente dos destinos da Autarquia António Capucho e como Director do Departamento de Cultura António Carvalho.

Nos últimos anos, porém, avolumam-se os sinais preocupantes e contraditórios: por um lado, inaugurou-se (em 2018) o espaço arqueológico da *villa* romana de Freiria, conferindo dignidade a um notável património que vinha a ser vandalizado pelos homens e delapidado pelos elementos naturais; mas, por outro lado, desapareceu a sala de Arqueologia Pré-Histórica organizada já no século XXI no piso térreo do Museu Condes de Castro Guimarães, que substituiu a existente desde a década de 1960 a qual, por sua vez, veio a suceder à que já existia no mesmo edifício desde 1942. Tal sala, independentemente do local ocupado naquele imóvel, cumpria um inegável e importantíssimo papel pedagógico e cultural, mas foi, já na vigência do actual Presidente da Câmara, destinada a outro uso, tendo todos os materiais arqueológicos ali expostos sido subtraídos da vista do público. Lamentável decisão, que privou os visitantes que propositadamente acorriam a Cascais desde 1942, para já não falar dos alunos dos vários graus de ensino, de observarem peças pré-históricas únicas da Arqueologia portuguesa.

4 – Considerações finais

As três fases que se consideraram no domínio do estudo, valorização e divulgação da arqueologia pré-histórica cascalense reflectem a própria evolução histórico-social do concelho e a sua integração na realidade nacional desde o último quartel do século XIX. Assim, a primeira fase, a dos pioneiros, teve como objectivo essencial a recolha de informação que desde logo foi usada tanto na investigação como na divulgação científica. São exemplo as explorações realizadas nas grutas do Poço Velho e de Porto Covo por ordem de Carlos Ribeiro, destinadas essencialmente à recolha de espólios a serem expostos aquando da realização da célebre IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas em Lisboa, em Setembro de 1880. As actas desta reunião dão conta da visita a Cascais e às grutas do Poço Velho dos congressistas, publicando-se então a planta das mesmas. Tais espólios ainda hoje se podem admirar no Museu Geológico, em Lisboa, figurando Carlos Ribeiro como reconhecida figura pioneira da Arqueologia cascalense, cujo nome ficou registado na toponímia, por pequeno arruamento, perto da entrada da gruta principal do Poço Velho. Mas tal arruamento, ainda que modesto, não poderia ter lugar senão ali, por razões óbvias...

Mais tarde, nos artigos publicados no jornal “Diário de Notícias”, e logo depois em “O Arqueólogo Português”, Félix Alves Pereira dá conta do achado fortuito da estação pré-histórica do Estoril, num tom próprio do veraneante termalista por ele assumido, não obstante o evidente interesse da estação pré-histórica por ele claramente reconhecido.

A segunda fase é dominada por Eugénio Jalhay e Afonso do Paço e, depois do falecimento do primeiro, apenas por Afonso do Paço. Nesta fase, exploraram-se as grutas de Alapraia e de São Pedro do Estoril, cujos resultados lhes conferiram justa celebridade internacional. Foi então plenamente conseguido o entrosamento entre a vertente científica e a vertente de divulgação e valorização do Património arqueológico, como evidenciam os resultados publicados. Para tal, concorreram decisivamente os apoios recebidos da Câmara Municipal de Cascais e, sobretudo, da Junta de Turismo de Cascais, depois designada Junta de Turismo da Costa do Sol, por via do empenho do seu Presidente, o Eng. Augusto de Abreu Nunes, que chegou mesmo a editar, a expensas da Junta que dirigia, os programas completos dos III e IV Congressos Arqueológicos do Sudeste Espanhol, reunidos em Múrcia em Maio de 1947 (N/A, 1947) e em Elche em Maio de 1948 (N/A, 1948), nos quais participou. O mesmo se verificou com o I Congreso Nacional de Arqueología e V Congreso Arqueológico do Sudeste Espanhol, reunido em Almería em Abril de 1949, contendo também as duas comunicações relativas a Cascais nele apresentadas, entre as quais a dedicada aos novos achados realizados nas grutas do Poço Velho (N/A, 1949).

É de referir também, como patrocinador e apoiante das investigações arqueológicas nessa mesma época realizadas em Cascais, Fausto de Figueiredo; com Afonso do Paço, subscreveu a primeira carta arqueológica concelhia. Pode dizer-se que, com o labor deste pequeno grupo de arqueólogos, a que se juntou Leonel Ribeiro na década de 1940 e, na década de 1960, O. da Veiga Ferreira, com o apoio do Eng. António de Castello-Branco. Importa registar a importância das facilidades que este antigo director dos Serviços Geológicos de Portugal deu à Arqueologia cascalense, depois de aposentado daquelas funções, quando assumiu as de Vice-Presidente do município. Nessa qualidade, deve-se-lhe a iniciativa de propor a construção de casas-abrigos junto às grutas do Poço Velho e, sobretudo, o patrocínio da série de publicações comemorativas do IV Centenário da vila de Cascais, onde a Arqueologia se encontra representada por duas publicações monográficas, ainda hoje relevantes (PAÇO, 1964 a, b; FERREIRA, 1964), como se conclui da sua já anterior menção.

Com A. do Paço, falecido em 1968, a arqueologia pré-histórica cascalense atingiu o seu ponto de maior prestígio e visibilidade, tanto nacional como internacionalmente. Compreende-se, pois, a legitimidade da existência de um arruamento na vila, ainda que o mesmo não devesse ser tão mesquinho: trata-se de pequena artéria sem saída, no Alto da Pampilheira, que serviria a escola secundária, encerrada em 1994 (ENCARNAÇÃO, 2011, p. 111). Já mais pródiga foi a homenagem que em Alapraia se consagrou a Eugénio Jalhay e a Afonso do Paço, ambos representados na toponímia adjacente às grutas, apesar do estado que as mesmas hoje apresentam.

A terceira fase corresponde ao último quartel do século XX e prolonga-se até à actualidade, sendo caracterizada por avanços e retrocessos, particularmente evidentes nos últimos anos.

Pelo seu trabalho, de início solitário, quotidiano e militante em defesa do património arqueológico de Cascais, Guilherme Cardoso e José d'Encarnação lograram vencer dificuldades e obstáculos. Desse

esforço desacompanhado resultou, em 1988, a criação do Gabinete de Arqueologia do município, onde assumiu papel de destaque João Cabral. Foi assim possível, pela primeira vez, encarar de forma sistemática e articulada a gestão do rico acervo arqueológico do concelho, definindo regras e prioridades de actuação. Produziram-se publicações de tomo, organizaram-se reuniões internacionais dedicadas à Arqueologia pré-histórica de assinalável impacto científico, desfizeram-se e refizeram-se, com espírito construtivo, exposições de arqueologia; mas tal esforço, que se afigurava promissor, não teve a necessária continuidade. Já com o actual Presidente à frente da autarquia, aguarda-se a concretização de projectos verdadeiramente estruturantes no domínio da valorização do Património Arqueológico. Entre todos, destaca-se a requalificação e musealização das grutas de Alapraia, que se impunha depois das escavações ali efectuadas: em resposta, entulharam-se as grutas mais belas e melhor conservadas do conjunto... Também não se concretizou a musealização das grutas do Poço Velho, cujo sucesso estaria à partida garantido pela sua localização no centro da vila e pela existência de uma notável informação seguramente bem acolhida junto do grande público. E inexplicavelmente encerrou-se a Sala de Arqueologia pré-histórica patente ao público desde 1942 no Museu Condes de Castro Guimarães.

Claro que existirão sempre justificações para o que não foi feito, quando o objectivo é melhorar o que existe, e a verdade é que tal é possível a curto prazo, assim haja vontade política. Mais difícil é explicar o que foram decisões mal avisadas, ainda que se esteja sempre a tempo de as reverter.

Na verdade, nestes últimos anos desprezou-se o capital de prestígio acumulado em décadas de serviço prestado por uma plêiade de arqueólogos que desinteressadamente votaram o melhor dos seus esforços à investigação e defesa do património pré-histórico de Cascais. O quadro presente é carregado, e a resposta à questão que se impõe: “que futuro para a Pré-História cascalense ?” não é clara. Esperemos que outros tempos venham, para honra e prestígio de Cascais.



Fig. 1 – Entrada das grutas do Poço Velho, tal como se encontrava em 1941, antes dos arranjos urbanísticos então efectuados, com a construção do jardim público do centro da vila. Foto Eng. A. de Castello-Branco. Arquivo JLC/OVF.



Fig. 2 – Entrada da Gruta I de Alapraia, com Henri Breuil (1.º do lado direito) e Eugénio Jalhay (2.º do lado esquerdo). ©Arquivo JLC/OVF.



Fig. 3 – O então Capitão Afonso do Paço (1895-1968). ©Arquivo JLC/OVF.



Fig. 4 – A Gruta IV de Alapraia, antes de ter sido demolido o casal adjacente à mesma. Da esquerda para a direita: Eng. Augusto Abreu Nunes; Afonso do Paço e Eugénio Jalhay (na publicação de onde esta foto foi extraída, confunde-se o Eng. Abreu Nunes com o arqueólogo Georg Leisner. In CARVALHO, 2011, dir.).



Fig. 5 – Gruta IV de Alapraia. J. M. Santa-Olalla atravessado a estreita passagem entre o corredor e a câmara, a 16 de Abril de 1944 (foto cedida por José d'Encarnação).

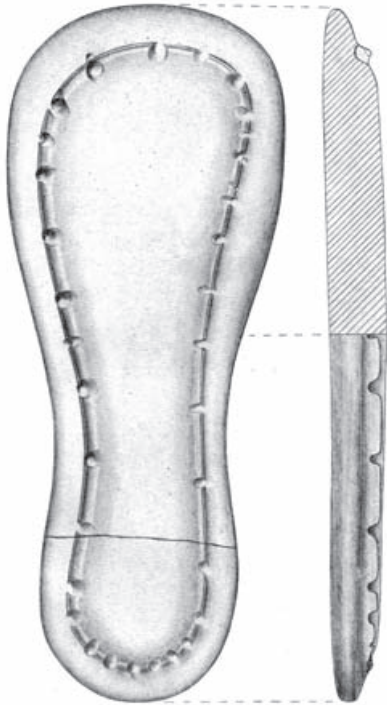


Fig. 6 – Uma das duas sandálias votivas de calcário, da Gruta II de Alapraia (seg. Jalhay & PAÇO, 1941, Fig. 20, mod.).



Fig. 7 – Vaso campaniforme marítimo da Gruta II de Alapraia. Arquivo JLC/OVF.



Fig. 8 – Escavações das Grutas de São Pedro do Estoril, em 1941 (foto cedida por José d'Encarnação).



Fig. 9 – Espólios campaniformes recuperados nas Grutas de São Pedro do Estoril em 1941 e restaurados pela Junta de Turismo de Cascais (JTC, 1946, original cedido por José d’Encarnação).



Fig. 10 – Stuart Pigott, fotografado com sua Mulher nas grutas de São Pedro do Estoril, acompanhado de Afonso do Paço.
©Arquivo JLC/OVF.



Fig. 11 – Inauguração da Sala de Arqueologia no Museu Condes de Castro Guimarães, pelo Presidente da República, General Óscar Carmona a 5 de Abril de 1942. Da esquerda para a direita, podem identificar-se Dr. Mário de Figueiredo (Ministro da Educação), Dr. Manuel Lopes de Almeida (Sub-secretário da Educação), Dr. António José Branquinho da Fonseca, General Amílcar Mota chefe da Casa Militar do Presidente e Reverendo Eugénio Jalhay, no uso da palavra. “O Século”. Arquivo de Fotografia de Lisboa – CPF / MC. Cota: SEC/AG/01-83/0497Q (foto cedida por João Miguel Henriques, por intermédio de José d’Encarnação).



Fig. 12 – Vista parcial da primeira Sala de Arqueologia do Museu Condes de Castro Guimarães, inaugurada a 5 de Abril de 1942. (in FONSECA, 1943).



Fig. 13 – Vista parcial da segunda sala de Arqueologia do Museu Condes de Castro Guimarães, organizada na década de 1960 por O. da Veiga Ferreira. Arquivo Municipal de Cascais.

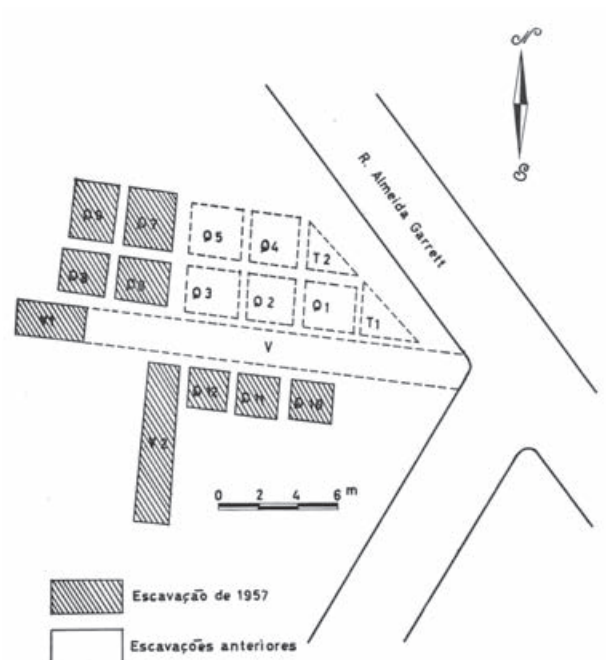


Fig. 14 – Planta das áreas escavadas no povoado pré-histórico da Parede entre 1955 e 1957. Note-se a manutenção da quadricula previamente definida na campanha de 1957, já depois de E. da Cunha Serrão e E. Prescott Vicente terem abandonado a equipa (seg. PAÇO, 1964 b, Fig. 2).

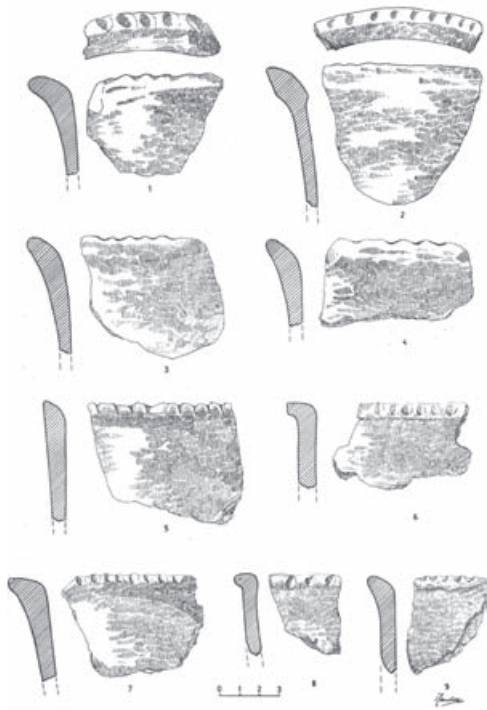


Fig. 15 – Bordos denteados do Neolítico Final recolhidos no povoado pré-histórico da Parede (seg. PAÇO, 1964 b, Fig. 16).



Fig. 16 – Visita de O. da Veiga Ferreira (à esquerda, em primeiro plano) de Georges Zbyszewski, (em segundo plano, ao centro) às escavações da estação paleolítica de Cabecinho (São Domingos de Rana) em Agosto de 1982, encontrando-se o autor entre ambos. Foto de Guilherme Cardoso.

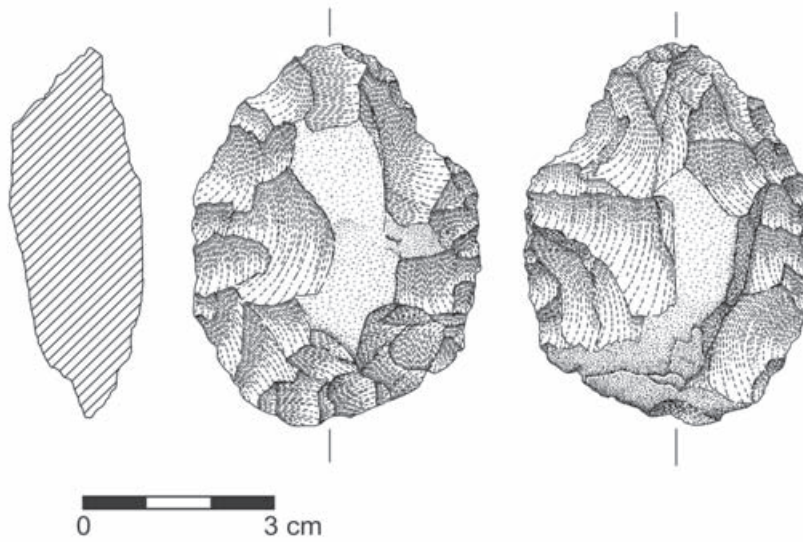


Fig. 17 – Estação paleolítica de Cabecinho (São Domingos de Rana). Dois pequenos bifaces mustierenses recolhidos nas escavações. ©JLC/ B. L. Ferreira.



Fig. 18 – Vista geral da encosta de Freiria, onde anteriormente à *villa* romana, se implantou povoado campaniforme (seg. CARDOSO, CARDOSO & ENCARNÇÃO, 2013, Fig. 2, mod.).



Fig. 19 – Freiria. Estruturas habitacionais campaniformes, observando-se em primeiro plano uma estrutura de combustão (seg. CARDOSO, CARDOSO & ENCARNÇÃO, 2013, Fig. 4).



Fig. 20 – Freiria. Selecção de alguns espólios campaniformes (seg. CARDOSO, CARDOSO & ENCARNÇÃO, 2013, Fig. 7).

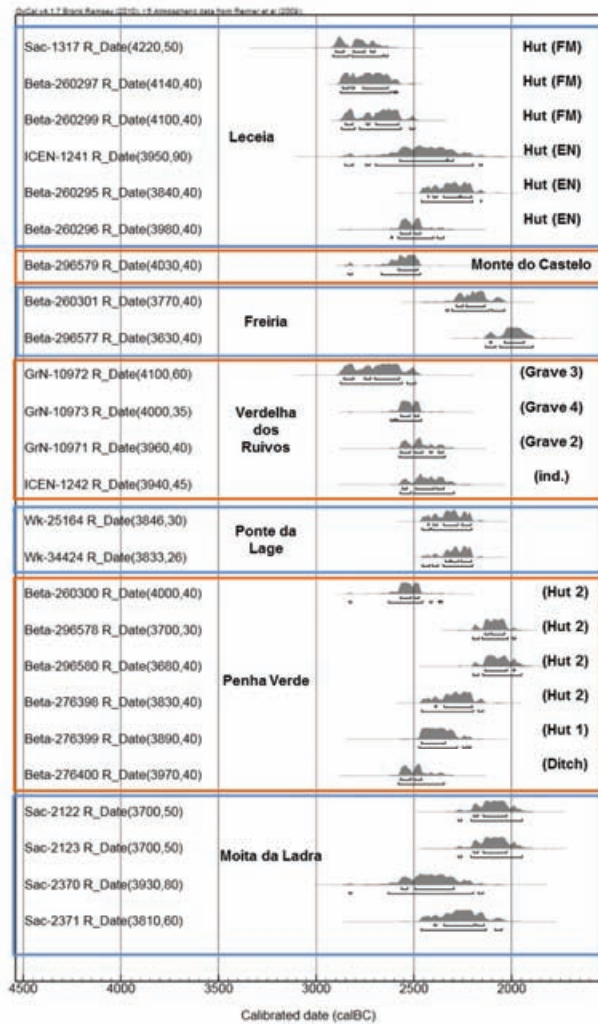


Fig. 21 – Cronologia absoluta de algumas estações campaniformes da baixa Península de Lisboa (seg. CARDOSO, 2014).



Fig. 22 – Octávio da Veiga Ferreira preparando um dos programas televisivos que o celebrizaram junto do grande público “Do Paleolítico ao Romano”, em 1982, na Sala de Arqueologia do Museu dos Condes de Castro Guimarães (seg. CARDOSO, 2008, Fig. 118). ©Arquivo JLC/OVF.

Agradecimentos

A José d'Encarnação e Guilherme Cardoso pelas informações e imagens fornecidas.

Referências bibliográficas

ANTUNES-FERREIRA, N. (2005) – *Paleobiologia de grupos populacionais do Neolítico Final/Calcolítico do Poço Velho (Cascais)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia, 40).

BEAUMONT, M. A. (1971) – Pequena história do Museu de Cascais. *Boletim do Museu-Biblioteca do Conde de Castro Guimarães*. Cascais, 2, p. 17-36.

BREUIL, H. & ZBYSZEWSKI, G. (1945) – *Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire. 2 – Les principaux gisements des plages quaternaires du littoral d'Estremadura et des terrasses fluviales de la basse vallée du Tage*. Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal (Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa, 25).

BREUIL, H. & ZBYSZEWSKI, G. (1945) – *Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, 2 (Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal, 26).

CARDOSO, G. (1991) – *Carta arqueológica do concelho de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.

CARDOSO, J. L. (1982) – Ajazida paleolítica de Cabecinho (Freguesia de São Domingos de Rana, Concelho de Cascais). *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*. Lisboa. Série III, 88 (1), p. 225-236.

CARDOSO, J. L. & MARTINS, F. (2013) – O povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras): estudo dos utensílios de pedra lascada. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, 2013, p. 357-524.

CARDOSO, J. L. (1993) – *Contribuição para o conhecimento dos grandes mamíferos do Plistocénico Superior de Portugal*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.

CARDOSO, J. L. (1997) – *O povoado de Leceia, sentinela do Tejo no terceiro milénio antes de Cristo*. Lisboa/Oeiras. Museu Nacional de Arqueologia, Câmara Municipal de Oeiras.

CARDOSO, J. L. (2000) – The fortified site of Leceia (Oeiras) in the context of the Chalcolithic in Portuguese Estremadura. *Oxford Journal of Archaeology*. Oxford. 19 (1), p. 37-55.

CARDOSO, J. L. (2005) – Investigação arqueológica na Sociedade de Geografia de Lisboa. A actividade da Secção de Arqueologia (décadas de 1950 a 1990). *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. Lisboa. 123, p. 129-147.

CARDOSO, J. L. (2006) – A estação do Bronze Final do Cabeço do Mouro (Cascais): resultados das escavações realizadas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9 (1), p. 21-46.

CARDOSO, J. L. (2008) – O. da Veiga Ferreira (1917-1997): sua vida e obra científica. *Homenagem a Octávio da Veiga Ferreira. Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 16, p. 13-123.

- CARDOSO, J. L. (2010) – Povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras): evolução arquitectónica do sistema defensivo e das técnicas construtivas correlativas. *Transformação e Mudança no centro e sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a.n.e. Colóquio Internacional (Cascais, 2005)*. Actas (2010). Cascais: Câmara Municipal de Cascais, p. 43-63.
- CARDOSO, J. L. (2014) – Absolute chronology of the Beaker phenomenon North of the Tagus estuary: demographic and social implications. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 71 (1) (2014), p. 56-75.
- CARDOSO, J. L. (2014/2015) – The Bell-beaker complex in Portugal: an overview. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série V, 4/5, p. 269-302.
- CARDOSO, J. L. (2017) – O povoamento campaniforme em torno do estuário do Tejo: cronologia, economia e sociedade. In GONÇALVES, V. S. (ed.), *Sinos e taças junto ao Oceano e mais longe. Aspectos da presença campaniforme na Península Ibérica*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, p. 126-141.
- CARDOSO, G. & ENCARNANÇA, J. d' (1984) – Subsídios para a carta arqueológica do concelho de Cascais. *Arquivo de Cascais*. Cascais. 5, p. 23-30.
- CARDOSO, J. L.; CARDOSO, G. & ENCARNANÇA, J. d' (2013) – O campaniforme de Freiria (Cascais). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, p. 525-588.
- CARDOSO, J.L.; VILSTRUP, J.; EISENMANN, V. & ORLANDO, L. (2013) – First evidence of *Equus asinus* L. in the Chalcolithic disputes the Phoenicians as the first to introduce donkeys into the Iberian Peninsula. *Journal of Archaeological Science*, 40, p. 4483-4490.
- CARVALHO, A. (1989) – Para a história da arqueologia em Portugal. O livro dos visitantes da Junta de Turismo de Cascais. *Arquivo de Cascais*. Cascais. 8, p. 75-150.
- CARVALHO, A. (2011, dir.) – *Instantes arqueológicos. Arqueólogos e Arqueologia em Cascais entre 1940 e 1960*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.
- CARVALHO, A. (2016) – O “ciclo de Cascais”. *Victor S. Gonçalves e a Arqueologia cascalense*. In SOUSA, A. C.; CARVALHO, A. & VIEGAS, C., eds., *Estudos em homenagem a Victor S. Gonçalves*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, p. 33-43 (Estudos & Memórias, 9).
- CARVALHO, António Faustino (1996) – O sítio pré-histórico da Quinta da Bicuda (Torre, Cascais). *Arquivo de Cascais*. Cascais. 12, p. 117-126.
- CARVALHO, António Faustino (1996) – Notícia das escavações arqueológicas realizadas em 1999 no sítio pré-histórico da Quinta da Bicuda (Torre, Cascais). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 19, p. 5-9.
- CARVALHO, A. F. (2018) – O hipogeu Convento do Carmo (Torres Vedras) e a tese de O. da Veiga Ferreira sobre o campaniforme da Estremadura. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 24, p. 367-374.
- COMPTE-RENDU (1886) – Excursion à Cascaes et Cintra. Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques. *Compte-Rendu de la neuvième Session (Lisbonne, 1880)*. Lisbonne: Typographie de l'Académie Royale des Sciences, p. 73-78.

ENCARNAÇÃO, J. d' (2011) – *Cascais paisagem com pessoas dentro*. Cascais: Associação Cultural de Cascais.

FABIÃO, C. (1987) – 100 anos de investigação arqueológica no concelho de Cascais. *Arquivo de Cascais*. Cascais. 6, p. 41-58.

FERREIRA, O. da Veiga (1962) – O Solutrense em Portugal. *XXVI Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências (Porto, 1962)*. Porto: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências. 7, p. 229-234.

FERREIRA, O. da Veiga (1964) – *A Cultura do Vaso Campaniforme no concelho de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.

FERREIRA, O. da Veiga (1966) – *La Culture du Vase Campaniforme au Portugal*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal (Memória n.º 12. Nova Série).

FIGUEIREDO, F. J. A. de & PAÇO, A. do (1946) – Novos aspectos da necrópole de Alapraia. *Las Ciencias*. Madrid. 11 (1), p. 139-147.

FIGUEIREDO, Fausto J. A. & PAÇO, A. do (1949) – Vestígios romanos dos Casais Velhos (Areia – Cascais – Portugal). In N/A, *I Congresso Nacional de Arqueologia / V Congresso Arqueológico do sudeste espanhol. (Almeria, 1949)*. Lisboa: Junta de Turismo de Cascais.

FIGUEIREDO, Fausto J. A. & PAÇO, A. do (1950) – Vestígios romanos dos Casais Velhos (Areia – Cascais – Portugal). *I Congresso Nacional de Arqueologia / V Congresso Arqueológico do sudeste espanhol. (Almeria, 1949)*. Cronica. Cartagena: Papelería Española, p. 306-312.

FONSECA, A. J. Branquinho da (1943) – Relatório. *Boletim do Museu-Biblioteca Conde de Castro Guimarães*. Cascais. 1, p. 82-105.

GONÇALVES, V. S. (2005) – *Cascais há 5000 anos*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.

GONÇALVES, V. S. (2008 a) – *A utilização pré-histórica da gruta de Porto Covo (Cascais)*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.

GONÇALVES, V. S. (2008 b) – *As ocupações pré-históricas das furnas do Poço Velho (Cascais)*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.

GONÇALVES, V. S. (s/d) – *Cascais, terceiro milénio antes da nossa era*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.

GONÇALVES, J. L. M. & SERRÃO, E. da Cunha (1978) – O povoado do Calcolítico Inicial do Alto do Dafundo Linda-a-Velha. *Actas das III Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1977)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1, p. 75-85.

GONÇALVES, V. S. & SOUSA, A. C. (2010) – O povoado calcolítico do Estoril, os seus furadores de sílex e os seus tempos. *Transformação e Mudança no centro e sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a.n.e. Colóquio Internacional (Cascais, 2005)*. Actas (2010). Cascais: Câmara Municipal de Cascais, p. 155-222.

JALHAY, E. & PAÇO, A. do (1941) – A gruta II da necrópole de Alapraia. *Anais*. Lisboa. 4, p. 107-140.

JALHAY, E. (1943) – O castro eneolítico de Vila Nova de São Pedro e as suas relações com o Norte Africano e o Mediterrâneo oriental. *IV Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências (Porto, 1942)*. Porto: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, 7.^a secção, p. 107-117.

LEAL, J. Bação & PAÇO, A. do (1962) – Observação de alguns dentes isolados pertencentes ao Museu Castro Guimarães, encontrados nas grutas sepulcrais do Bronze I, de São Pedro do Estoril. *XXVI Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências (Porto, 1962)*. Porto: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências. Secção VII, p. 301-312.

LEISNER, V.; PAÇO, A. do & RIBEIRO, L. (1964) – *Grutas artificiais de São Pedro do Estoril*. Lisboa: Edição dos Autores.

LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1961) – *Les grottes artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la Culture du Vase Campaniforme au Portugal*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal (Memória n.º 8. Nova Série).

N/A (1943) – *Alapraia*. Lisboa: Junta de Turismo de Cascais.

N/A (1946) – *Alapraia e S. Pedro*. Lisboa: Junta de Turismo de Cascais.

N/A (1947) – *III Congresso Arqueológico do Sudeste Espanhol (Murcia, Maio de 1947)*. Lisboa: Junta de Turismo de Cascais.

N/A (1948) – *IV Congresso Arqueológico do Sudeste Espanhol (Elche, Maio de 1948)*. Lisboa: Junta de Turismo de Cascais.

N/A (1949) – *I Congresso Nacional de Arqueologia / V Congresso Arqueológico do Sudeste Espanhol (Almeria, Abril de 1949)*. Lisboa: Junta de Turismo de Cascais.

NUNES, Abreu (1949) – Las grutas de Cascais y los nuevos hallazgos. In N/A, *I Congresso Nacional de Arqueologia / V Congresso Arqueológico do Sudeste Espanhol (Almeria, 1949)*. Lisboa: Junta de Turismo de Cascais.

NUNES, Abreu (1950) – Las grutas de Cascais y los nuevos hallazgos. *I Congreso Nacional de Arqueología / V Congresso Arqueológico do Sudeste Espanhol (Almeria, 1949)*. Cronica. Cartagena: Papelería Española, p. 85-88.

OLIVEIRA, F. de Paula e (1889) – Antiquités préhistoriques et romaines des environs de Cascaes. *Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal*. Lisboa. 2, p. 82-108.

PAÇO, A. do & JALHAY, E. (1935) – As grutas de Alapraia. *Brotéria*. Lisboa. 21 (2), p. 108-129.

PAÇO, A. do & VAULTIER, M. (1943 a) – Estação eneolítica do Estoril. *IV Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências (Porto, 1942)*. Porto: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências. 7.^a Secção, p. 118-129.

PAÇO, A. do & VAULTIER, M. (1943 b) – A gruta de Porto-Covo. *IV Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências (Porto, 1942)*. Porto: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências. 7.^a Secção, p. 95-103.

PAÇO, A. do & VAULTIER, M. (1956) – La coupe de la grotte de Porto Covo (Prés de Cascais-Portugal). *IV Congreso Internacional de Ciencias Prehistóricas y Protohistóricas (Madrid, 1954)*. Actas. Zaragoza: Librería General, p. 561-565.

PAÇO, A. do (1941) – As grutas do Poço Velho ou de Cascais. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 22, p. 45-84.

PAÇO, A. do (1943/1944) – Nota acerca de uma taça de barro da Gruta II de Alapraia. *Boletín de la Comisión de Monumentos de Orense*. Orense. 14, 9 p. (separata).

PAÇO, A. do (1955) – Necrópole de Alapraia. *Anais*. Lisboa. II Série, 6, p. 27-140.

PAÇO, A. do (1957) – *Arqueologia da Costa do Sol*. Estoril: Junta de Turismo da Costa do Sol.

PAÇO, A. do (1959) – Castro de Vila Nova de S. Pedro XI. – Nota sobre un tipo de cerâmica del estrato Vila Nova I. *Ampurias*. Barcelona 21, p. 252-260.

PAÇO, A. do (1964 a) – *Cascais há 4000 anos*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.

PAÇO, A. do (1964 b) – *Povoado pré-histórico da Parede (Cascais)*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.

PAÇO, A. do (1971) – Subsídios para uma bibliografia pré e proto-histórica do concelho de Cascais. *Boletim do Museu-Biblioteca do Conde de Castro Guimarães*. Cascais. 2, p. 39-67.

PAÇO, A. do & FIGUEIREDO, F. J. A. de (1943) – Esbôço arqueológico do concelho de Cascais. *Boletim do Museu-Biblioteca do Conde de Castro Guimarães*. Cascais. 1, p. 9-27.

PAÇO, A. do; SERRÃO, E. da Cunha & VICENTE, E. Prescott (1957) – Estação eneolítica de Parede (Cascais). Reconhecimento de 1955. *XXIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências (Coimbra, 1956)*. Coimbra: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências. 7.^a Secção, p. 411-429.

PAÇO, A. do; BÁRTHOLO, M. L. & BRANDÃO, A. (1959) – Novos achados arqueológicos das grutas de Cascais. *I Congresso Nacional de Arqueologia (Lisboa, 1958)*. Lisboa. Actas: Instituto de Alta Cultura, 1, p. 147-159.

LEAL, J. Bação & PAÇO, A. do (1962) – Observação de alguns dentes isolados pertencentes ao Museu Castro Guimarães, encontrados nas grutas sepulcrais do Bronze I, de São Pedro do Estoril – Cascais. Actas XXVI Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências (Porto, 1962). 7. Porto, p. 301-312.

PEREIRA, F. A. (1916 a) – Antiquitus. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 21, p. 195-229.

PEREIRA, F. A. (1916 b) – Antiquitus. Estação pré-histórica do Estoril. *Diário de Notícias*. Lisboa. 18 de Janeiro, p. 2; 3 de Março, p. 3; 2 de Abril, p. 4; 14 de Junho, p. 2.

POMBAL, S. (2006) – *O conjunto de cerâmicas com bordos “denteados” do povoado da Parede (Cascais)*. Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

RIBEIRO, L. (1951) – A utilização e o fim catastrófico das câmaras sepulcrais ou grutas artificiais de S. Pedro do Estoril. *XIII Congresso da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências (Lisboa, 1950)*. Porto: Imprensa Portuguesa. 8, p. 547.

SCHUHMACHER, T. X. (2012) – *Elfenbeinstudien Faszikel 2: Chalcolithische und Frühbronzezeitliche Elfenbeinobjekte auf der Iberischen Halbinsel*. Darmstadt/Mainz: Verlag Philipp von Zabern (Iberia Archaeologica Band 16, Faszikel 2).

SERRÃO, E. da Cunha (1978) – A propósito da ética profissional. *III Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1977)*. Actas. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1, p. 11.

SERRÃO, E. da Cunha (1979) – Sobre a periodização do Neolítico e Calcolítico do território português. *1.ª Mesa-Redonda sobre o Neolítico e o Calcolítico em Portugal (Porto, 1978)*. Actas. Porto: GEAP, p. 147-182.

SERRÃO, E. da Cunha (1983) – A estação pré-histórica de Parede. Documentos inéditos sobre estratigrafia e estruturas (Campanha de 1956). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 1, p. 119-148.

SPINDLER, K. (1976) – Die neolitische Parede-Gruppe in Mittelportugal. *Madriider Mitteilungen*. Heidelberg. 17, p. 21-75.

SPINDLER, K. (1978) – Eine siedlung des Parede-typus von Vale de Lobos in Porugal. *Madriider Mitteilungen*. Heidelberg. 19, p. 11-22.

VALENTE, A. (2006) – *Cerâmicas com bordos denteados no povoado de Vale de Lobos (Sintra)*. Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

VASCONCELOS, J. Leite de (1898) – *Grutas prehistoricas do Poço Velho em Cascais*. Lisboa: Câmara Municipal de Cascais.

VAULTIER, M. (1943) – Influência egípcia no Bronze Mediterrâneo. *XIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências (Lisboa, 1950)*. Lisboa: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, 7.ª secção, p. 695-702.

VICENTE, E. Prescott & SERRÃO, E. da Cunha (1958) – Estação eneolítica de Parede. Notícia do seu achado. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto 16 (1-4), p. 5-24.

